

EDITORIAL

Estamos diante de um mundo que desconhece distâncias. Isso vale para a mais simples distância: a que pode ser vencida pela velocidade dos aviões. Mas vale principalmente para aquela mais subjetiva e radical, que é a consciência de uma alteridade inevitável, da vida como um rasgo, um vazio entre eu e o mundo jamais passível de ser preenchido. Aquela que pode ser descrita pela demora de uma carta, ou pela saudade materializada quando se encontra uma foto rara esquecida dentro de um livro. A distância entre o sujeito e ele mesmo que é, de alguma forma, geradora de vida, e que o mundo hiperconectado e hipercomunicativo parece não deixar ver.

Sob o cotidiano saturado de imagem, e frente a uma padronização de ideias maquiada por uma espécie de império do indivíduo, vamos criando este mundo aparentemente sem fronteiras. O filósofo Byung-Chul Han caracteriza esse estado de coisas com o termo “excesso de positividade”. Como um pensador dedicado a atualizar as questões em torno ao problema da pós-modernidade, Han busca mostrar que aquilo que denominamos “sociedade do espetáculo” há algumas décadas já passa enormemente de um fator apenas da dinâmica do capitalismo avançado, constituindo-se como um modo de pensar e relacionar-se com a realidade cada vez mais inserido dentro da própria construção psíquica do homem atual.

Em linhas muito gerais, poderíamos dizer que o chamado ao rendimento – que nada mais é do que uma maneira mais efetiva de exploração do que a antiga coerção – tem criado seres humanos para os quais o raciocínio em torno à produtividade adentra todas as outras áreas da vida, e tudo passa a ser medido pela mesma régua. O amor, a vida, a criação e a própria existência são medidos pelo rendimento. E nesta perspectiva, toda negatividade tende a morrer. Como resultado, encontra-se sempre uma forma de absorver a alteridade em conceitos, isto é, de admitir quase tudo como parte de um mundo diverso, mas ao mesmo tempo, de não reconhecê-la como intransponível, como marca existencial do homem.

Pensando desta maneira, este dossiê procura ressaltar a distância. Porque o tema da relação entre arte e filosofia só pode residir nela, só pode emergir deste vazio sem o qual nada é criado ou pensado. O vazio que se fosse algo seria o ponto em que pensamento e criação são o mesmo. Este é um tema que, obviamente, está longe de ser inédito e que, além disso, é uma questão muito mais ampla do que podemos pretender tratar aqui. Em todo caso, este número é apenas mais uma busca de tangenciar tal distância e tal vazio, como quem pretende falar do silêncio. Intuito inútil, se raciocinarmos dentro do mesmo *modus operandi* que rege o mundo atual, mas vital se pretendermos superá-lo.

Especialmente diante de um momento em que vemos, mais uma vez em nosso país, intentos mais violentos de censura e marginalização do fazer artístico, faz-se primordial levantar o tema-questão aqui proposto, e ressaltar dois pontos. O primeiro é o óbvio, ou seja, o risco de repetir sem aprender com a História, o périplo sangrento pelo qual o país já passou há menos de meio século. Mas não apenas. Pois o estágio do capitalismo regente já é bastante outro, e, portanto, é preciso ressaltar também que a atual crise política não pode ser lida sem uma reflexão mais ampla a respeito do que influencia o homem atual a não agir coletivamente e a flertar com o conservadorismo em um tempo em que a liberdade é (aparentemente) tomada como cláusula pétrea de qualquer intenção de vida.

Propomos, portanto, um diálogo em que os temas variarão razoavelmente dentro do espectro de problemas possíveis da relação entre arte e filosofia, mas que encontram sua unidade na importância que dão à arte para a própria construção do pensamento.

Iniciamos este número com dois textos que dialogam com a questão do contemporâneo, questão que é, afinal, ponto de partida e chegada neste tipo de reflexão. Pois a filosofia, em última instância, só faz sentido se responder ao presente. Respondem a esse anseio de colocação da questão, portanto, Anderson Bogéa da Silva, com *Distâncias e Aproximações: equilíbrio entre as artes a partir de Pendular*, de Júlia Murat, e Rogério Vanderlei de Lima Trindade, com *Sobre discursos poéticos e diálogos com as tipologias artísticas do presente*.

Os textos seguintes mergulham em possíveis pontos da História da filosofia que nos permitem compreender faces do presente que vivemos, tomando como objeto a arte, mas sem desprendê-la de um sentido de totalidade. Nesta perspectiva, Marcos Henrique

Camargo Rodrigues apresenta a questão da filosofia nascente e da construção histórica do pensamento que eleva a racionalidade em detrimento da arte, em *A morte da tragédia pelas mãos da filosofia*, analisando, sobretudo, as consequências desta construção. Samon Noyama em *Nietzsche e a estética alemã: sobre a nostalgia da arte grega se aprofunda na ideia de nostalgia da Grécia Antiga*, entendendo-a como marca do helenismo na Alemanha no século XVIII, período cujas reverberações filosóficas ainda se fazem notar. E ato contínuo, Paulo Cesar Jakimiu Sabino em *Filosofia como produção artística: uma reformulação da estética no pensamento de Nietzsche adentra o conceito propriamente dito de estética no pensamento nietzscheano*, mostrando como ela escapa da ideia de uma “ciência do belo” característica da modernidade.

E por fim, para completar o sentido circular desta publicação, oferecemos duas entrevistas realizadas por Vítor Cei Santos e Luana Pagung com artistas contemporâneas brasileiras: *O encontro de imagem e palavra, ou, a firmeza do lápis e a fluidez da aquarela: entrevista com Marina Faria*, e *Interlocuções entre teatro, literatura e cinema: entrevista com Vanessa Pietro*. Finalizamos esta edição ressaltando, portanto, a importância da arte viva e atual, fruto, afinal daquela distância que, por mais que se tente esquecer, nos define como seres humanos.

Profa. Dra. Renata Tavares
Organizadora do Dossiê